

WebRádio e WebTV: A Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais Inclusivos¹

William Machado da SILVA²
Henrique Tavares BARUM³
Mariana Pouey da CUNHA⁴
Júlia Moraes de ANDRADE⁵
Yuri Nobre da ROZA⁶
Marislei da Silveira RIBEIRO⁷
Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

O presente texto discute, a partir de um Projeto de Extensão na área de *WebRádio* e *WebTV*, ao visar à integração de universidade, escolas especiais e sociedade. A partir de interesse dos alunos de diferentes faixas etárias e níveis de aprendizado, foram caracterizadas, definidas e elaboradas pautas de pesquisa que possibilitaram formatar os produtos de comunicação e produzi-los com a supervisão dos professores envolvidos na proposta e a execução dos discentes vinculados ao curso de Jornalismo e de Cinema da UFPel. Sendo assim, a estratégia adotada consiste em desenvolver atividades pedagógicas como metodologia alternativa que permita a construção do conhecimento, sobretudo, na aplicação de ferramentas na área das Tecnologias de Comunicação e Informação, como forma de minimizar barreiras comunicativas das pessoas com deficiência visual.

Palavras-chave: *webrádio*; *webtv*; práticas comunicacionais; inclusão.

Introdução

Levando-se em conta que a sociedade em rede está associada ao paradigma de informação e oportuniza novas práticas sociais no espaço e no tempo, além de viabilizar a inter-relação dos diferentes níveis de escolaridade através de conteúdos de interesse comum, optou-se por elaborar um Projeto de Extensão na área de *WebRádio* e *WebTV*. Também, em vista dos avanços tecnológicos acelerados e dos processos de mediação da contemporaneidade, compete considerar o que comenta Cardoso (*apud* Castells, 1999, p.II), “é preciso levar a sério as mudanças introduzidas no nosso padrão de sociabilidade em

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais (Área 6) da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Direito na UFPel; Especialista em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional pela UFPel e Aluno do Curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: williammachad@gmail.com

³ Acadêmico do Curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: henrique_barum@hotmail.com

⁴ Acadêmica do Curso de Cinema e Audiovisual da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: mary-pouey@hotmail.com

⁵ Acadêmica do Curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: juliamoraesdeandrade@hotmail.com

⁶ Aluno do Curso de Jornalismo da UFPel. Bolsista do projeto. E-mail: yurindr@hotmail.com

⁷ Doutora em Comunicação pelo PPGCOM-PUC/RS. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas e Orientadora do trabalho. E-mail: marisrib@terra.com.br

razão das transformações tecnológicas [...] que fazem com que a relação dos indivíduos [...] com o processo de inovação técnica tenha sofrido alterações consideráveis”.

Sendo assim, o presente trabalho buscou utilizar os espaços educativos para concretizar práticas pedagógicas inovadoras que possibilitassem a todos os envolvidos realizar aprendizagens diferenciadas mediante programas radiofônicos e de TV via *web*, abertos, criativos e dialógicos, ao trabalhar os mais diferentes temas que poderiam agregar valor aos conteúdos desenvolvidos nos bancos acadêmicos, bem como intensificar a consciência cidadã para atividades de responsabilidade social, oportunizando aos alunos uma compreensão da inclusão digital e da interatividade midiática.

Vale ressaltar que, com as ações desenvolvidas durante a execução do projeto, foi possível oferecer aos alunos de ensino fundamental e médio das escolas especiais novas vivências que colaborassem para a formação de gerações mais capacitadas a integrar diversas mídias de convergência digital.

Nesse sentido, as práticas confrontaram teorias estudadas, capacitando alunos e professores a atuar no campo da argumentação em benefício do bem comum, tornando-se capazes de participar das aceleradas transformações do mundo contemporâneo. Na nova configuração cultural, pretende-se obter aprendizagens não só personalizadas, mas também coletivas e permanentes, para que as comunidades virtuais facilitem a construção de saberes e o desenvolvimento de competências numa relação renovadora com o conhecimento.

Desse modo, o artigo tem, como objetivo, apresentar o desenvolvimento da pesquisa e atividades que foram realizadas no referido Projeto de Extensão, contemplado por meio do programa de extensão do Ministério da Educação e Cultura/PROEXT MEC/SESu, nos anos de 2014 e 2015, com o propósito de continuidade em 2016.

1 Educação e Inclusão: Plataformas de Aprendizado nas Mídias Digitais

1.1 Os Desafios das Práticas Inclusivas Pedagógicas no Ambiente Escolar

A inclusão escolar de indivíduos com qualquer tipo de deficiência, seja física ou mental, apresenta diversos desafios e complexidades. Inclusão, como comenta Carvalho (2009), é a possibilidade de acesso, ingresso e permanência de um aluno com aprendizagem real, resultando, portanto, em atribuições de conhecimento e desenvolvimento de

habilidades, não representando apenas o aumento do número de matrículas, traduzidas estatisticamente em vagas para alunos com deficiência nas turmas de ensino regular.

Ainda de acordo com Carvalho (2009), são três os pontos que devem ser analisados quando nos referimos à educação inclusiva: primeiro, devemos analisar as políticas educacionais, nas quais estão inclusas o método integrador, e a qualidade da oferta educativa, além de questões organizacionais, como a administração do sistema adotado e a administração do atendimento educacional; segundo, devemos analisar as recomendações internacionais e, terceiro, investigar a opinião dos deficientes em questão e de suas respectivas famílias.

As políticas educacionais de cada país variam de acordo com o seu desenvolvimento social e cultural. Elas representam a regulamentação de práticas educacionais conforme a ideologia vigente. As instituições de educação privadas, que seguem o modelo neoliberal de organização social, têm, segundo Carvalho (2009), uma estrutura de melhor qualidade para o atendimento nessa área, além de determinados municípios do Brasil não terem sequer espaços destinados a pessoas com deficiência em suas escolas. Quando um município dispõe dos recursos para o atendimento ao aluno deficiente, não há oferta equitativa para todas as variações de deficiência, podendo, por exemplo, estar apta a receber um aluno com deficiência física, mas não um aluno com deficiência mental.

Considerando-se que as ofertas de serviços, governamentais ou não, estão longe de suprir nossa demanda, podemos reunir os desafios citados num único e complexo obstáculo que exige urgentes soluções: dispor, em todas as localidades, de ofertas educativas para todas as modalidades de manifestação de deficiência, seja sob a responsabilidade direta do poder público governamental seja da iniciativa particular (CARVALHO, 2009, p. 106).

Nessa perspectiva, a questão quantitativa da oferta não corresponde à demanda, e a questão qualitativa também é considerada um desafio. O processo de ensino-aprendizagem não tem a garantia de qualidade, que varia desde a falta de uma estrutura adequada, até a especialização de profissionais.

O ambiente escolar representa, para muitos alunos, a única oportunidade de acesso ao conhecimento e à apropriação da norma culta. A escola deveria, conseqüentemente, proporcionar o desenvolvimento intelectual do indivíduo e contribuir para a sua criticidade. Esses são alguns dos valores que a educação inclusiva propõe.

Outro ponto analisado por Carvalho (2009) são as etapas do fluxo de escolarização, ainda muito discutidas no âmbito da educação especial. Nesse aspecto, avalia-se a barreira

existente desde a educação infantil até a universidade, a qual, de acordo com a autora, não deveria existir, visto que tais barreiras atrasam o processo educativo.

Os conceitos *integração* e *inclusão* também geram controvérsias entre os educadores. Integração representa o envolvimento de pessoas com deficiência na comunidade de pessoas que não possuem deficiência. “A integração é um processo dinâmico de participação das pessoas num contexto relacional, legitimando sua interação nos grupos sociais. A integração implica em reciprocidade” (CARVALHO, 2009, p. 111).

A inclusão, diferentemente, é o espaço designado para receber os indivíduos com algum tipo de deficiência, como escolas aptas a colher alunos deficientes ou ambientes adaptados para o mesmo fim. Em vista disso, no Brasil, as práticas inclusivas pedagógicas ainda apresentam inúmeros desafios, pois muitos dos educadores não se sentem aptos para atender aos diferentes grupos de pessoas com deficiência.

1.2 O uso das plataformas digitais como forma de inclusão

A comunicação é uma das áreas de maior influência na organização social. Ela permite a construção das sociedades como as conhecemos hoje e possibilita que essas sociedades sejam preservadas através da comunicação. Na atualidade, o uso do ciberespaço como mais um meio comunicacional aumenta a abrangência das trocas de informação.

[...] com o surgimento de tecnologias que possibilitaram a comunicação à distância, desde a escrita até mais recentemente a internet, surgem novas formas de sociabilidade onde não mais é preciso estar face a face para interagir com outras pessoas. Como consequência, pode-se dizer que a representação do corpo e suas significações também se alteram, quando se trata deste novo espaço. Nesse cenário, onde novas formas de comunicação estão surgindo e possibilitando também novas maneiras de sociabilidade, a internet surge como importante meio de intensificação deste processo, pois as interações que emergem no ambiente virtual, tornam-se cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade (BALDANZA, 2014).

Assim, o surgimento desse novo espaço de plataformas digitais com novos recursos tecnológicos tornou possível o processo de inclusão. Isso, porque as diversas mídias digitais estão inseridas no cotidiano das pessoas, especialmente, no dia a dia escolar. Ao trabalhar com as mídias, os professores permitem a aprendizagem e contribuem para a formação cidadã dos alunos. Cabe salientar que a crescente digitalização das informações fez com que a informática criasse novas adaptações para seu uso e, por consequência, aumentasse o número de indivíduos que podem se apropriar dessas ferramentas. Um dos fatores que impulsionam o crescimento da utilização de aparelhos digitais para o fim de comunicação é

o estímulo de concorrência do mercado, gerando produtos com custos diversificados, desde baixos até altos valores e com adaptações que suprem as necessidades particulares de cada indivíduo.

As ferramentas de comunicação e interconexão abrem um leque de oportunidades, principalmente, para os sujeitos cujos padrões de aprendizagem não seguem os quadros típicos de desenvolvimento. Os estudos mostram que pessoas limitadas por deficiências não são menos desenvolvidas, mas sim desenvolvem-se de forma diferenciada. Desse modo, há possibilidades dos ambientes virtuais poderem ser assumidos como recursos para o desenvolvimento, a interação e a inclusão digital/social de pessoas com necessidades educativas especiais – PNEEs (COSTI, 2002).

Partindo dessa premissa, a utilização da *WebRádio* e a *WebTV*, enquanto ferramenta de interação, amplia o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos que fazem uso dessa experiência na sua prática comunicacional. A dimensão dialógica desses dois meios é representada pela sociabilidade *desterritorializada* do espaço virtual, ou seja, o espaço físico que se associa ao corpo não é essencial nesse processo, e isso faz com que as limitações físicas e de sentido não sejam obstáculos na comunicação.

2 WebJornalismo - Uma Ferramenta Alternativa de Comunicação

O jornalismo na *Web* passa por algumas diferenciações e, principalmente, no que se refere à sua comunicação digital. Podemos começar analisando um mecanismo utilizado que é o *World Wide Web* (WWW ou *Web*). No que concerne à sua utilização, já havia trocas de *e-mails* (correios eletrônicos), publicações de informações e serviços que eram oferecidos para públicos distintos (MIELNICZUK, 2001).

Inicialmente, as nomenclaturas para definir o Jornalismo na *Web* são variadas, como *ciberjornalismo*, *jornalismo on-line*, *jornalismo digital* etc. Contudo, dá-se a relevância primordial ao tipo e aos formatos de programas que são vinculados na *web*, mostrando as formas de abordagens adotadas (MIELNICZUK, 2001, p. 3).

Com base nisso, o jornalismo na *web* passa por algumas fases. Na primeira, vislumbram-se as transposições de notícias que eram vinculadas nos jornais e ganharam espaço na internet. Logo após, denomina-se como segunda fase aquela em que as metáforas junto aos modelos do jornal impresso apresentam-se com os mecanismos utilizados pela rede (MIELNICZUK, 2001).

Dessa forma, percebe-se a mudança de paradigma a partir do momento das iniciativas empresariais em relação aos seus editoriais pensados com exclusividade para a internet, através de *sites* de cunho jornalístico que exploram, com mais preciosismo, as potencialidades que são disponibilizadas na rede, tendo-se aí o *Webjornalismo*.

Para isso, necessita-se do entendimento de algumas características do *Webjornalismo*, enquanto elemento diferenciado e produtivo para veiculação da notícia. Dentre elas, apresenta-se a interatividade como uma das formas de trazer o seu leitor/espectador para ser parte integrante do processo de construção do fato noticioso, mediante a participação ativa do espectador, como a troca de *e-mails* entre leitores e jornalistas (PONTES, 2009).

No que tange à convergência midiática, pode-se apresentar um fator de integração das redações em que se possui o impresso, *on-line* e rádio e TV, visto que ocasiona um elevado critério em relação a responsabilidades de trabalho. O resultado desse processo acelerado tende a mudar a função e atividade do profissional da comunicação, dificultando seu processo de adaptação (RODRIGUES, 2009).

Tais dificuldades são apresentadas em virtude do surgimento de novas tecnologias e da introdução de novos dispositivos. Esses elementos variam as formas de linguagem, dificultam a readaptação e afetam diretamente as rotinas jornalísticas. Para Rodrigues (2009), com o aprimoramento e o uso das ferramentas de informações, as empresas de comunicação realizaram vários investimentos no novo ambiente.

Contudo, as grandes empresas jornalísticas investidoras divulgam vários artigos e produtos que se destinam a públicos diferenciados e sabem aproveitar a credibilidade de seus fornecedores, ao transmitirem o *fato noticioso*. Com isso as notícias vinculadas geram credibilidade para o seu espectador (RODRIGUES, 2009).

2.1 Web Jornalismo e a hipertextualidade

O Jornalismo para *Web* apresenta, também, algumas diferenciações do jornalismo impresso e para Internet. Uma de suas características consiste na escrita que é desenvolvida para o público alvo, visto que a notícia necessita ter mais precisão, conter informações necessárias, linguagem simples e apresentar instantaneidade na hora de ser vinculada.

Um aspecto que pode ser apontado se refere à *hipertextualidade*, que desenvolve um mecanismo vindo ao encontro do fato noticioso produzido. Segundo Prado (2011),

o *webjornalista* precisa estar mais preparado para trabalhar com as mídias digitais. É necessário introduzir links ao longo da matéria, a fim de informar o leitor de todas as formas possíveis e o deixar mais satisfeito. Menciona-se, também, a própria personalização de conteúdo em consonância com o perfil do leitor. Trata-se, ainda, da memória e de possíveis armazenamentos de informações, no que tange à gestão dos conteúdos utilizados. Analisam-se, em adição, as formas de atualizações contínuas de informações (RODRIGUES, 2009).

Sendo assim, ao ser apresentada uma notícia na *web*, podem-se caracterizar alguns elementos de conteúdo *on-line* como textos, fotos e gráficos, porém ainda podem ser adicionados os vídeos, os áudios e as imagens com animações, ilustrando a notícia de maneira explicativa. Ao falar-se de acesso aos conteúdos, pretende-se afirmar que o ponto está muito além de uma simples leitura de uma notícia, consistindo em algo que engloba os demais textos que estão vinculados nas redes sociais, por exemplo, tais como *Facebook*, mensagens de fóruns, resenhas, entre outros (FERRARI, 2012).

No livro *Webjornalismo: Sete Características que marcaram diferença* (2014), os autores João Canavilhas, Ramón Salaverría, Alejandro Rost, Marcos Palacios, Paul Bradshaw, Mirko Lorenz e John V. Pavlick definem essas sete características como: a *hipertextualidade*, que é uma organização textual que tem como objetivo unir sentidos, ligando textos digitais entre si.

A *multimedialidade*, que une textos, imagens, sons e vídeos para a construção da notícia. A interatividade, que é a capacidade dada pelo meio de comunicação conferir certa autonomia para os seus utilizadores, como na seleção dos conteúdos e nas possibilidades de comunicação. A memória, caracterizada como a digitalização da informação e o aprimoramento dos bancos de dados, a fim de tornar mais fácil a procura da notícia. A instantaneidade é vista como a necessidade no âmbito jornalístico de informar seu público o mais rápido possível, ou seja, ser o primeiro a passar a informação.

A personalização, ligada não somente à parte estética, mas principalmente, aos recursos utilizados para chamar atenção e destacar a publicação, e a ubiquidade, a qual trata de certificar que qualquer um pode ter acesso às redes de comunicação interativas, significando que o receptor tem acesso não somente à informação, mas que consegue contribuir e participar desse processo interativo.

Considera-se, então, que os diversos conteúdos, em suas diferentes formas de linguagens, estão disponibilizados não somente em portais, mas também espalhados

em *blogs*, sites de relacionamentos e diversas redes em geral (FERRARI, 2012). Dessa forma, percebe-se a importância do processo construtivo do *webtelejornalismo* e seus mecanismos, os quais provocam a transformação nos paradigmas na internet, no contexto mundial. Para tanto, verifica-se que os procedimentos utilizados na *web* são céleres, mas faz-se necessário que os componentes estejam inseridos nessa nova transformação e possam ser agentes facilitadores dessa dinâmica diferenciada.

3 Rádio na Era Digital

Plataforma de comunicação que rompe o monopólio, a *WebRádio* está inserida no novo contexto de mídias digitais. Com o advento da internet, o público de interação em um veículo antes restrito a pessoas da terceira idade, agora, integra diversos públicos, uma vez que a internet possibilita criar um campo de construção de debates, tornando o rádio acessível aos mais diversos públicos.

O público que passa por uma rádio no formato audiocast pode tornar-se assíduo e usufruir de um canal em que ele possa interagir para solucionar suas dúvidas e assim adquirir mais informações dentro dos temas que envolvem seus interesses. Formando-se relacionamentos sociais a partir de atrativos comuns em uma "*remixabilidade* colaborativa" (termo cunhado por Barb Dybawd), termo aqui perfeitamente adequado quando usado na fase digital, pois, no seu início, remixar era um procedimento usado com simples na música pop (PRADO, 2011, p. 130)

Tendo em vista que o público na *web* é infinitamente maior, não fica preso a um localismo, regionalismo ou, até, nacionalismo. Assim, há uma facilidade para o ouvinte baixar o programa e escutá-lo em qualquer tipo de aparelho, seja um celular ou tocador de *mp3*. Há também a facilidade de se criar uma *WebRádio*. Enquanto para criar uma rádio convencional são necessárias autorizações e concessões, para a criação de uma rádio *online* não é preciso nada disso.

A interatividade e a portabilidade sempre fizeram do rádio o veículo mais próximo do ouvinte. A internet deve ajudar nessas características para que o rádio continue vivo. Mesmo que o rádio digital brasileiro não saia do papel, a digitalização antecipada pela internet continuará a provocar mudanças significativas na linguagem, nas formas de emissão e recepção, e também em toda a cadeia produtiva do antigo veículo. Cresce o consumo de conteúdos de rádio em aparelhos e suporte digitais. Urge concluir o ciclo e digitalizar a transmissão e a recepção aberta, para que o rádio ingresse definitivamente na era da informação. (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p. 436).

Com isso, a revolução tecnológica vem para forçar a reinvenção das plataformas midiáticas sem que a sociedade abra mão dos tradicionais veículos de comunicação. Não só tornou o cenário de comunicação mais amplo, como também modificou a maneira de se comunicar. Vê-se aí a construção de uma nova identidade: há maior facilidade de se comunicar em uma nova linguagem.

Com a influência da internet na construção de outro modo de se comunicar, o rádio viu a necessidade de ocupar esse espaço para dialogar com a população. A relação não se deu entre público e veículo, mas pelo contrário, quando o rádio percebeu a importância também em migrar para a internet.

O rádio não é mais o primeiro veículo a dar a informação. A internet é tão instantânea quanto o rádio, e atualmente há uma tendência de aumento do número de pessoas que se informam primeiramente pela web. Dessa forma, algumas rádios abertas começam a apostar em outra característica para compensar a concorrência do jornalismo digital (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p.439).

Vale ressaltar que a internet não chegou para substituir o rádio, mas sim para facilitar o acesso e adequá-lo à nova era da informação. Em uma sociedade que está constantemente em transformação e com a globalização diminuindo as distâncias entre as culturas, os veículos de comunicação também se tornaram globais.

4 Convergência Midiática: da Televisão até a Web

A caracterização da *WebTV* dá-se pela transformação de conteúdo televisivo para a mídia digital, sendo acessada em computadores, *tablets* ou smartphones. A intenção é de estimular mais interação entre o produto e o seu receptor, o qual pode comentar, compartilhar com os amigos e assistir ao vídeo diversas vezes, diferente do padrão televisivo. Apesar de promissor, ainda não existem características específicas que definem exatamente o padrão de se produzir para a internet. Grandes portais, como o G1, ainda se apropriam do conteúdo produzido para televisão e o reproduzem no site, sem nenhuma adaptação no vídeo. Dessa maneira, os usuários que acessam o conteúdo através de um smartphone, podem perder detalhes que só seriam capturados em telas maiores. Ainda assim, existem grandes sites, como o Uol, que já se preocupam em produzir conteúdo exclusivo para internet e utilizar ferramentas que estimulam o receptor a se interessar pelo que é transmitido.

Uma das principais propostas da *WebTV* é a de que o espectador interfere e influencia no conteúdo que está sendo produzido e no que será exibido em sua programação. Esse sistema é semelhante ao da TV Digital, mas diferencia-se por prever a interação entre o usuário e o espectador. Enquanto a TV Digital propõe que o usuário assista a mais de um programa ao mesmo tempo, na *WebTV* o público pode interferir na programação (RIBEIRO, 2009).

Analisando o cenário midiático, o resultado do processo de disponibilizar o conteúdo televisivo na internet é uma convergência das mídias. No livro *Cultura da Convergência*, Henry Jenkins (2008) destaca que esse processo de convergência possui múltiplas definições, abrangendo as transformações tecnológicas, culturais, sociais e mercadológicas. O autor explica que:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 29).

No Brasil, os portais de notícia do Uol e Terra foram pioneiros no ramo. A Uol TV é datada de 1997, enquanto a TV Terra foi a primeira a oferecer um telejornal on-line, ancorado pela jornalista Lílian Witte Fibe. Já o Uol TV, lançado em 2002, começou sua transmissão diretamente pela internet, sem o uso de satélites ou antenas (RIBEIRO, 2009).

No universo jornalístico, a produção de conteúdo para *Web* quebra o padrão de estrutura narrativa convencional. Enquanto o internauta assiste ao programa, ele pode clicar nos *links* disponibilizados na tela, escolher o conteúdo adicional de seu interesse e, até mesmo, interferir na maneira como a matéria é conduzida. Não existe a mesma linearidade na qual o telespectador precisa acompanhar a notícia até o final para ter todas as informações. Nesse universo, é possível navegar entre vários conteúdos e chegar ao mesmo lugar.

Esse novo cenário implica uma mudança na maneira de informar e no processo comunicacional que ainda está em gestão na maioria das empresas informativas envolvidas na tarefa de criar fortes vínculos com usuários no mundo digital. Isso implica aprender a reutilizar sua própria produção de informação, a aproveitar tudo, a guardar o que antes se jogava fora, a potencializar com recursos tecnológicos o que antes era estático, a compreender a informação enquanto um conjunto reorganizável de dados, imagens e voz que podem ser utilizados em qualquer mídia, inclusive as tradicionais e lineares (SAAD, 2008, p.80).

Esse desenvolvimento de adaptação para o universo virtual está acontecendo no mundo todo, e essa adaptação vem acompanhada de uma revolução no modo de se assistir

televisão. Nesse contexto, com o processo de evolução dos meios de comunicação, há uma readaptação das mídias tradicionais, que precisam criar formas de interação com o público e o espectador. A estratégia adotada, hoje, consiste em modificar os métodos de emitir conceitos sobre os códigos de linguagem, símbolos e sinais em consonância com o acelerado processo tecnológico.

5 Cenário de pesquisa: breve contextualização da escola parceira e apontamentos metodológicos

Como metodologia alternativa, no desenvolvimento do projeto, executam-se atividades pedagógicas na área de *WebTV* e *WebRádio*, em uma escola que atende pessoas com deficiência visual. Isso permite a produção do conhecimento, especialmente, nas áreas da linguagem, códigos e suas tecnologias. Nesse contexto, busca-se confrontar os novos desafios – adaptando-se às exigências na educação inclusiva, ou seja, na formação do sujeito autônomo e crítico - no ambiente educacional.

Considerando que o trabalho vem sendo desenvolvido desde 2014, foi realizada primeiramente, uma parceria com a escola estadual Nossa Senhora de Lourdes – na cidade Pelotas/RS. Sendo assim, foram executadas atividades para 288 alunos, de três séries (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio Politécnico) e de oito turmas diferentes da escola pública, parceira do projeto - Num primeiro momento, foram feitas oficinas de Leitura e Produção Textual, Dicção e Oratória, cobertura dos eventos na escola, entre eles, destacam-se: Festa Junina, Olimpíada da Matemática e Seminários Integrados).

Nas oficinas de Expressão Corporal, as atividades destinadas à consciência do próprio corpo foram organizadas com o intuito de elucidar posturas adequadas. Nos programas de *Web Rádio/TV*, as pautas foram: “Violência contra Mulher”, “Trânsito”, “Discriminação” e “Direitos Civis na Internet”. Os referidos programas contaram com a presença de profissionais especializados nas temáticas em foco, estruturadas para estimular os alunos a analisar assuntos atuais e discuti-los em sala de aula, com a finalidade de produzir a *inter* e a *trans-disciplinaridade* entre aluno e professor.

5.1 Programas de *WebRádio* e *WebTV* e as propostas interativas no ambiente digital na escola parceira Louis Braille

No início do ano de 2015, agregou-se ao projeto a temática de Inclusão Digital e Promoção dos Direitos Sociais. A partir do mês de fevereiro, foi incluída ao projeto a Escola Louis Braille, cujo histórico será apresentado no próximo subitem. Para Gil (2002, p. 63):

Após a formulação clara do problema e de sua delimitação, elabora-se um plano de assunto, que consiste na organização sistemática das diversas partes que compõem o objeto de estudo. Construir um plano significa, pois, definir a estrutura lógica do trabalho, de forma que as partes estejam sistematicamente vinculadas entre si e ordenadas em função da unidade de conjunto.

No primeiro momento, foram realizados encontros semanais com a escola parceira Louis Braille, junto à equipe diretiva, pedagogos, assistente social e professores da instituição, cuja função é facilitar as práticas inclusivas. Diante disso, optou-se pela realização da pesquisa participante, como abordagem metodológica. Para Gil (1999), esse tipo de pesquisa caracteriza-se pelo envolvimento dos pesquisadores no processo. Os observadores desempenham um papel ativo na coleta de dados, instrumentos e recursos. Com base nisso, foi apresentada a proposta da criação de materiais audiovisuais e oficinas a serem desenvolvidas na escola.

Foram criados os seguintes programas: “A musicalidade como forma de ensino”, “Áudiodescrição como forma de entretenimento através da exibição de filmes”, “Capacitação dos professores da rede regular de ensino sobre a linguagem Braille”, “Apoio pedagógico no ensino e aprendizagem” e “Rádio corredor”. Com relação às oficinas, foram ministradas técnicas de produção radiofônicas para os alunos com deficiência visual, por profissionais da área, junto com os alunos bolsistas, empreendendo a reativação da rádio interna da escola. Os programas são produzidos semanalmente durante o intervalo escolar, com o suporte técnico dos discentes do projeto, que escolheram o nome “Rádio Louis Braille FM”.

5.1 Breve Histórico da Escola

Com o intuito de incluir pessoas com deficiência visual no ambiente escolar, em 1946 foi idealizada a Escola Louis Braille, contudo apenas efetivada em 1952. Com o apoio da comunidade pelotense, recebe, ainda na sede da Biblioteca Pública, os primeiros alunos com esse tipo de deficiência. Hoje, a escola continua contando com o suporte das entidades

de classe, de universidades, de cooperativas e de profissionais dispostos a ajudar, tais como: médicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros (CARVALHO *et al* 2009, p. 56).

Atualmente, em seu prédio próprio, a escola em foco funciona em dois turnos, de modo que possa abranger os alunos que procuram a instituição, de diferentes faixas etárias, bem como estudantes da rede pública municipal e estadual. Além de atender pessoas com deficiência visual, a escola também recebe pessoas com outros tipos de limitações, como por exemplo, autismo (CARVALHO *et al* 2009, p. 56).

Assim, a proposta pedagógica da escola, além de integrar os alunos com deficiência visual à comunidade, busca o apoio das universidades e demais instituições de ensino, como forma de fortalecimento das habilidades cognitivas e de consolidação da aprendizagem dos indivíduos.

5.2 Registro das Atividades Realizadas

Figura 1. Aula de música na Escola Louis Braille



Figura 2. Acompanhamento da aula de leitura com acessibilidade ampliada



Figura 3. Capacitação dos professores das redes pública e privada para utilização do sistema Braille



Nesse sentido, com o material gerado nas atividades citadas, tornou-se possível a realização de um produto audiovisual. Para tanto, foi empregado um software de edição de vídeo.

Considerações Finais

Após a realização de diferentes atividades que buscam aprimorar uma educação inclusiva, pretende-se, com este artigo, divulgar as múltiplas possibilidades de aplicação das novas tecnologias a partir do projeto de extensão em foco. Todavia, já se podem apresentar algumas considerações. Espera-se que o trabalho desenvolvido tenha sido relevante, tanto para a universidade, quanto para a comunidade na qual está inserida, já que propiciou a aplicação de práticas pedagógicas interativas.

Segundo Lévy (1999), a multimídia interativa ajusta-se muito bem aos usos educativos, favorecendo o envolvimento pessoal do aprendiz no processo de ensino-aprendizagem. À proporção que uma pessoa participa da construção de um conhecimento, ela integra e retém o que aprende. Além disso, esse tipo de multimídia contribui para a formação de uma atitude de exploração e ludicidade devido à facilidade de assimilação de conteúdos. Consequentemente, a *WebRádio* e a *WebTV* constituem ferramentas muito úteis a uma pedagogia ativa e de abordagem comunicacional.

Nesse contexto, a utilização dos recursos e das técnicas propiciou a interdisciplinaridade e a integração de várias áreas, mediante a orientação e colaboração dos professores. Assim, acredita-se que a proposta de inclusão para as pessoas com deficiência necessita concretizar-se em todos os ambientes sociais. Para tanto, busca-se o processamento comunicativo e cognitivo dos alunos, o seu desenvolvimento socioemocional íntegro e a participação integral da escola e dos indivíduos com deficiência.

Finalmente, com o resultado dessa experimentação, pretende-se ampliar e aprofundar as perspectivas de atuação dos alunos com uma visão mais abrangente, na qual tecnologia e teoria se aliam e refletem-se na interação com realidades distintas, sobretudo, na superação dos obstáculos e enfrentamento dos desafios que existem em torno da inclusão e das diferentes mudanças de terminologia das pessoas com deficiência.

Referências

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. Rádio e internet: recursos proporcionados pela web, ao rádio jornalismo. In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLOCKNER, Luciano (Org.). **E o rádio? Novos horizontes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BALDANZA, Renata. Francisco **A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual**. UERJ. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/63960297667367250954516430239393812902.pdf>>.

CARVALHO, Edler Rosita. **Removendo Barreiras para a Aprendizagem: educação Inclusiva**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CARVALHO, M. P. (*et alli*); **Atuação da fisioterapia em deficientes visuais**. In: **HYGEIA Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, 5 (9), dez./2009, t.53-62. Disponível em <<http://www.hygeia.ig.ufu.br>>.

COSTI SANTAROSA, Lucila. Inclusão digital: espaço possível para pessoas com necessidades educativas especiais. *Revista Educação Especial*, 2002. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5065/3063>>.

FAUSTO NETO, Antônio. **Mediatização, prática social - prática de sentido**. Artigo apresentado no Encontro da Rede Prosul, no seminário Mediatização, UNISINOS. PPGCC, São Leopoldo/RS, 2006.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital** – 4. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012. – (Coleção Comunicação).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: editora Atlas, 2002.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. In: CONGRESSO DA SOPCOM, 2., Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2001.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

PONTES, Lopes Renata. **Webjornalismo: Conceitos, Fases e Características**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

RIBEIRO, Daniela Costa. **WebTV; perspectivas para Construções Sociais Coletivas**. Disponível em <http://books.google.com.br/books/about/Estrategias_2_0_Para_a_Midia_Digital.html?id=3cacUbVVFgC&redir_esc=y>.

RODRIGUES, Carla. **Jornalismo Online: modos de fazer (organização)**. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009. – 1ª reimpressão.

SAAD, Beth. **Estratégias 2.0 para a Mídia Digital** – Internet, Informação e Comunicação. 2 Ed. São Paulo: Ed. Senac, 2008.